

L José Ribeiro de Souza



Pe. Ilário Zandonade

Centro de Formação Sabino José Ferreira
Barbacena - MG

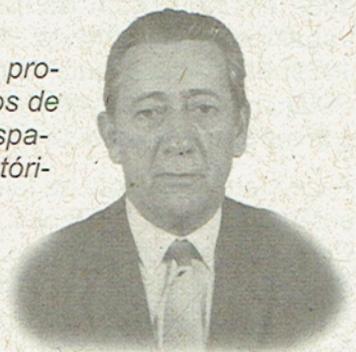
“Não se perturbe o vosso coração...

Na casa de meu Pai são muitas as moradas; do contrário, eu vos teria dito.
Porque eu vou para preparar o lugar” (Jo 14,1-2)

L José Ribeiro de Souza, sdb

“Ocupam eles na Congregação cargos de projeção e de responsabilidades. Os conceitos de Dom Bosco revivem nos tempos e nos espaços. São sempre atuais. Do momento histórico”. P Henrique de Brito

* 28 de fevereiro de 1924
+ 23 de março de 2000



Na madrugada de 23 de março de 2000, em Goiânia, faleceu o Ir. JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA. O operário José, irmão salesiano, construtor; muito perto da festa do operário de Nazaré, José, o carpinteiro; uma diferença de apenas quatro dias. São coincidências interessantes que não deixam de dar o seu recado.

Nasceu em Bonfim de Santos Dumont, MG, no dia 28 de fevereiro de 1924. Seus pais foram Aristides Bibiano de Souza e Noeme Ribeiro de Souza. Fez seus primeiros estudos em sua terra natal. Completou-os no Ginásio Anchieta, de Silvânia, GO e depois na Escola Técnica Comercial de Goiânia, GO.

Batizado em 25 de maio de 1924; crismado em 1930, ouviu o chamado do Senhor, já com certa idade. Foi para São João del Rei, onde fez o aspirantado. Em 1946, fez o seu noviciado, em Pindamonhangaba. Ali fez a primeira profissão em 31 de janeiro de 1947; a segunda foi em 1950; a profissão perpétua foi em 20 de janeiro de 1953, em São João del Rei, quando o pe. Alcides Lanna era o primeiro inspetor da nova Inspetoria que contava apenas dois anos.

De 1947 a 1950, trabalhou como pedreiro em Pindamonhangaba. De 1950 a 1953, em Jaciguã. Em 1954, esteve descansando, fazendo tratamento, no Rio de Janeiro. De 1954 a 1956 veio para Barbacena, para ser ajudante do Ir Pedro Fonseca, na construção da obra do Noviciado. Em 1956, foi auxiliar do Ir Aldo Maia, na construção da obra de Paraguaçu. Esteve rapidamente em Araxá, e voltou a Barbacena, sempre na construção, de 1957 a 1959. Depois foi para o Niterói, sempre na construção. De 1960 a 1967, trabalhou na construção, em Silvânia.

De 1967 a 1973, voltou a Niterói. Em 1974 esteve trabalhando também na construção, no Rio de Janeiro. De 1974 a 1976 esteve em Goiânia, onde estudou, além de trabalhar na construção. Em Belo Horizonte, trabalhou no CESAM de 1979 a 1983. Voltou para Goiânia de 1984 a 1989. Foi para Silvânia, onde esteve de 1990 a 1995. Voltou de novo a Goiânia, onde ficou até sua morte. Os aspirantados tiveram a marca de sua mão, como construtor.

Assim termina a nota de falecimento emitida pelo Secretário inspetorial, então o pe. Artur R. Daniel: *“Como vemos, seu trabalho era construção. Como construtor, também foi construindo na vida religiosa. Simples, fraterna, cordial, piedosa. Se defeitos teve, rezemos por ele, para que Deus o receba logo na mansão dos justos, reservada para aqueles que fazem a vontade de Deus”*.

Dom Bosco, dirigindo-se aos salesianos irmãos, disse: “Devendo desta forma ajudar em grandês e delicadas obras, tendes de adquirir muitas virtudes e, devendo dar ordens a outrem, deveis antes de tudo, dar bom exemplo. É preciso que onde estiver um de vós, se possa ter a certeza de que aí haverá ordem, moralidade, andamento. Mas se “sal infatum fuerit...” (MB XVI, 312).

O Ir. José Ribeiro, antes de tudo era discreto. Salesiano calmo, comedido, sempre benévolo, cordial e piedoso. Encaixa-se no paradigma proposto por Dom Bosco: deveis, antes de tudo, dar bom exemplo. Sobre-tudo, soube encarnar a insistência de Dom Bosco quanto ao trabalho.

O papa Pio IX havia dito a Dom Bosco que não colocasse os noviços na sacristia para se tornarem ociosos; que os pusesse a trabalhar...a trabalhar. As palavras de Dom Bosco, as mais importantes de tantas e tantas que proferiu sobre o trabalho talvez sejam estas: *“Quando suceder que um salesiano sucumba ou cesse de viver trabalhando pelas almas, então direis que a nossa Congregação obteve um grande triunfo e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do céu”*. O Ir. José Ribeiro teve esta marca registrada. Ele foi o homem do trabalho. Atesta o pe. Cipriano: “Era muito serviçal à comunidade como motorista exímio que era. Prudente, cuidadoso com os carros que mantinha sempre muito limpinhos e revistados na hora certa. Aliás a limpeza, tanto pessoal, quanto do ambiente era uma de suas qualidades. (...) Nos passeios comunitários, especialmente aqui no Planalto, por onde passou grande parte de sua vida salesiana, (...) ele era sempre o cozinheiro e cuidava do acampamento. (...) A característica mais marcante do Zé, na Con-

gregação, como atividade, foi a construção e reforma dos prédios por onde passou. (...) Embora não formado, era considerado engenheiro de primeira porque entendido no assunto. Dava uma verdadeira aula aos engenheiros recém formados. Exigia sempre material de primeira, caprichoso nos acabamentos. No final do dia, exigia que os trabalhadores deixassem tudo no devido lugar e tudo muito bem limpinho: pás, carrinhos, enxadas etc.. Chamava à atenção com autoridade, orientava”.

PALADINO DE DOM BOSCO

Na SÉRIE PIONEIROS, o pe. Henrique de Brito cita um elenco rico de irmãos coadjutores que marcaram época pela bondade, pelo exemplo, pelo valor e doação incondicional a Dom Bosco, à Congregação, pelo espírito de trabalho.

“Em geral eles tinham vindo para a Congregação em idade madura. Exerciam várias outras ocupações, além de seus encargos oficiais, como ajudar na assistência, catequistas nos oratórios, preparação de festas, etc. Eram verdadeiros “paus para toda obra”, enquanto a saúde lhes permitiu. Alguns até os últimos dias de vida.

Humildes, cultos, especialistas em seus ramos de atividades, apostólicos em sua missão entre os jovens, com seus defeitos e falhas humanas e as riquezas de suas virtudes, a simplicidade de seu viver em busca da santidade, no seu amor à Congregação, perseverantes em sua privilegiada vocação, foram todos eles dignos de serem chamados PALADINOS DE DOM BOSCO”.

O Ir. José Ribeiro entra, merecidamente, no rol destes paladinos.

Com a palavra, ainda, o pe. Henrique: “Eles, os irmãos coadjutores, eram cheios de amor à sua vocação religiosa, a Dom Bosco. Verdadeiros trabalhadores, sacrificados, exemplos de virtudes, de sabedoria de Deus, de observância de nossas Constituições. Com eles me foi dada a graça de conviver, Valorizar suas virtudes e me encantar com a beleza da humildade, da vida de piedade, na simplicidade que adornava o seu cotidiano viver”. (...)

“Marcaram sua época, pela bondade. Pelos exemplos. Pelo seu valor e doação incondicional a Dom Bosco, à Congregação. Pelo seu espírito de trabalho”. “Como não tentar perpetuar, lembrando, ao menos, aqui, nestas lembranças que se seguem, seus nomes, na saudade dos

que se foram, e, na esperança de um encontro definitivo, que sentimos estar chegando, no Reino, no Paraíso Salesiano?”

Numa extensa lista de paladinos, agrupados de acordo com seus muitos e variados trabalhos desenvolvidos com muita competência e amor, destacamos, aqui, apenas os arquitetos e construtores. Assim o Pe. Henrique apresenta os arquitetos e construtores:

“Domingos Delpiano, que nossas gerações conheceram de nome e pelas suas majestosas obras, também cantor, que prestigiou o nome salesiano nos primeiros anos de Niterói; Heitor Schneider, além de arquiteto, exímio alfaiate; Fausto Barbosa Guimarães, além de construtor, gerente das Escolas Profissionais de Niterói, tradutor, o mais fecundo autor de peças teatrais aqui no Brasil; Pedro Fonseca Filho – também ótimo cozinheiro – citado pelo Pe. Viganò em Atos do Conselho Geral; Aldo da Silva Maia, JOSÉ RIBEIRO DE SOUSA”

“DR. , EU ME PREPAREI PARA VIVER CEM ANOS”.

Otimista na sua previsão, errou com uma considerável diferença de 24 anos. Aos 76 anos e não aos 100. Logo ele, o Zé, que sabia calcular tão bem – “era considerado engenheiro de primeira” – calculou mal os seus dias.

Pelo seu estilo de vida, acreditava-se na sua previsão. Teve muito cuidado com sua saúde. Levantava-se cedo. Fazia caminhadas. Tinha grande disposição para o trabalho, um tipo de trabalho que exigia dele muita movimentação saudável.

O Irmão começou a ter uns desmaios. Foi ao médico. Este lhe disse, depois de examiná-lo, que estava tudo bem. Foi então que o Zé respondeu ao médico: “Olha, doutor, eu me preparei para viver cem anos”. Os desmaios persistiram. A sua cruz, aparecendo assim de surpresa, era pesada, dolorosa. A princípio, pensava-se que se tratasse de problemas da coluna, hérnia de disco. Depois de feita uma tomografia cerebral, constatou-se um câncer, muito grave. Submetido à cirurgia, em consequência, veio uma lesão no lado esquerdo, braço e perna. O médico tentou tranquilizá-lo, dizendo que se tratava de um coágulo provocado por um acidente; poucos dias antes, tinha rodopiado na pista. A quimioterapia, segundo o médico, seria preventiva. O quadro era, de fato, muito grave, podendo-se esperar o pior a qualquer momento. Prevenindo, o pe. Cipriano lhe ofereceu os últimos sacramentos e lhe perguntou

se queria. Ele, levando em brincadeira, como era seu costume brincar e ironizar, respondeu: "Por quê? É claro que sim; eu não sou ateu..." Atesta o pe. Cipriano. Quatro meses depois, veio a falecer.

Entrarás com abundância no sepulcro, como se recolhe um monte de trigo a seu tempo (Jó 5, 26)

Sua falência estava decretada e ele não sabia, ou, se soubesse, fingira não saber. Num sentimento humanitário, o médico tentou minimizar a gravidade da situação para não assustá-lo. Suas mãos de engenheiro, que souberam erguer, com segurança e beleza, tantas paredes acolhedoras de vidas preciosas, não podiam mais impedir a queda inexorável do edifício de sua vida que estava prestes a ruir.

"Perdi as esperanças, não viverei mais; tem piedade de mim, porque os meus dias são nada. Que coisa é o homem para o engrandecer? Por que se ocupa dele o teu coração?" (Jó 7,16-17).

Sua cruz se manifestara inexorável. O sofrimento purifica. Por uma misteriosa e sábia disposição divina, os justos, como Jó, sofrem, sem culpa nenhuma. Mas Deus recompensa a virtude desconhecida pelos homens. Em meio a representações sombrias de Deus; pressionado pelo medo, pela culpa, podemos nos libertar e descobrir uma imagem diferente de Deus; um Deus amoroso e benevolente; cheio de graça e de beleza; um Deus rico de futuro. Pensamos que esta tenha sido a experiência do Irmão cheio de energia, que se viu nesta situação de esperanças perdidas; de dias contados. Com certeza terá rezado como Jó: por que se ocupa de mim o teu coração?

Suas mãos de construtor exímio, ativas, inquietas, dinâmicas e criativas, brevemente haveriam de se cruzar imóveis sobre o peito, assinando a falência de uma vida preciosa, de um edifício que estava ruindo silenciosamente; mãos que souberam fazer felizes tantas vidas abrigadas entre as paredes que ergueram: vidas preciosas, - e quantas! - de crianças, de jovens, de educadores. E houve, sim, a ruína fatal. Implodiu-se o edifício de 76 andares. Da densa nuvem de poeira erguida desta implosão, ouvia-se uma voz clara, segura, desafiando intrépida – *Ubi est mors, victoria tua? Ubi est stimulus tuus?* E ouvir-se-á, em seguida, um hino festivo e glorioso – *graças a Deus que nos deu a vitória contra a morte, por Nosso Senhor Jesus Cristo. (1Cor 15,55.57)*

“O homem nasce para o trabalho, como a ave para o voo” (Jó 5,7)

Era janeiro do ano de 1957. O grupo dos 22 noviços, iniciantes, a segunda turma da nova casa do noviciado, recém construída, viajara de Paraguaçu, sul de Minas, aonde os aspirantes de São João del Rei tinham ido passar as férias de janeiro, no Ginásio Domingos Sávio. Era uma novidade. Até então os aspirantes iam para o Colégio Dom Bosco de Cachoeira do Campo. Lá, em Paraguaçu, ficaram sabendo do testemunho de salesiano trabalhador que era o Ir José Ribeiro. Tinha ele estado lá, e fora transferido para Barbacena a fim de trabalhar na construção do ITF.

Pe. Henrique de Brito comentando sobre a história da casa, exaltava a disposição para o trabalho do salesiano Irmão, que tinha misturado seu suor generoso com a argamassa, com o concreto, na construção do ginásio que tinha funcionado até então como internato e externato. O grupo de noviços saíra de Paraguaçu, pernoitara em São João del Rei e viajara para Barbacena, no trenzinho da RMV. Ao chegar à estação final, em Barbacena, lá estava o caminhão Chevrolet, Marta Rocha, esperando os noviços a fim de transportá-los para o noviciado. Ele nos esperava ao lado do caminhão. O motorista, circunspecto, sério, calado e sisudo - isto mesmo, sem redundância - com toda a disposição e presteza... Começou a acondicionar a bagagem na carroceria do caminhão. Ficamos então conhecendo o Ir José Ribeiro, de quem tínhamos ouvido o pe. Henrique falar. Ele nos esperava ao lado do caminhão!... seu instrumento de trabalho.

Acondicionadas as bagagens, nos convidou, os noviços iniciantes, a subir e saiu em direção ao noviciado, com todo cuidado e prudência, costume que lhe era peculiar. Chegamos ao noviciado. Transposto o mata-burro, onde hoje é a portaria, a poucos metros, o caminhão atolou e não conseguia prosseguir e vencer o trecho final até a portaria, onde nos esperava o pe. Poli. Tinha chovido muito. Não havia calçamento ainda. Era terra pura. Só de olhar, a gente já escorregava. Saibro avermelhado e pegajoso. O Irmão avisou: acabar de chegar a pé. A bagagem vai depois. Acabamos de chegar ali onde, hoje, é a segunda rampa da casa de retiros. Ali era o noviciado. O pe. Poli, então mestre de noviços, nos esperava, acolhedor. Chegamos assim ao noviciado, atolados, enlameados; sem lenço, sem documento e sem bagagem. Tudo veio depois que o Ir. José Ribeiro desatolou o caminhão. Naquela noite do dia 22 de janeiro, começamos o retiro, junto com os noviços que termi-

navam seu noviciado e fariam a profissão no dia 31. Pudemos sentir de perto a presença do irmão José Ribeiro, desde o primeiro encontro; foi o primeiro salesiano do noviciado que nos recebeu; depois sentimos sua presença desde os primeiros dias de retiro.

Durante o ano de 1957, em Barbacena, os noviços puderam aprender lições de fidelidade, de observância, de discipulação, de alegria, de silêncio, de trabalho incansável, sobretudo, no testemunho do irmão. Impressionou-nos, de modo especial, sua frequência ao sacramento da confissão. Nós o víamos confessar-se com o pe. Peixoto, com a frequência recomendada por D. Bosco. Pe. Peixoto, meio surdo, falava alto e nós ouvíamos, no silêncio da meditação, as broncas que o confessor dava aos seus penitentes, e, é claro, sem quebrar o sigilo sacramental, sabíamos quem é que estava se confessando, sem saber o que tinha confessado; sem se romper, é claro, repito, o sigilo sacramental. E víamos o Ir José Ribeiro, sempre pontual, presente em todos os momentos que exigiam sua participação, de forma edificante. Testemunha o pe. Cipriano: " Como irmão salesiano, o Zé foi sempre muito pontual aos momentos de oração, atividades e momentos comunitários. Participou sempre de todos os retiros anuais, trimestrais e mensais, quando realizados. Era uma presença participante e causavam admiração e alegria as suas intervenções sempre muito ponderadas".

Durante o ano de 1957, estava sendo construído o prédio do ITF. Nós, os noviços de 1957, e também os outros, anteriormente, ajudamos a construir o ITF, de batina... Escadas, vigas, lajens. Sob o comando do Sr Pedrão e do Sr José Ribeiro. Sob o olhar atento, às vezes acompanhado de alguma bronca do mestre, pe. Poli. Foram baldes e baldes de concreto subindo cheios e descendo vazios... nos ombros dos noviços. Impressionava-nos a presença silenciosa, ativa, eficiente, edificante do Ir. José Ribeiro; sempre com um balde ou uma pá na mão; ou rodando a betoneira; ou enchendo uma viga; ou espalhando, sobre a lajem, o concreto que nós carregávamos... de batina! Também na sexta-feira, dia de jejum, quando a barriga roncava alto, justamente na hora que não podia, causando hilaridade incontrolável. Lá do céu, Dom Bosco estaria rindo e brincando... estão vendo? Para estar com Dom Bosco é preciso trabalho, trabalho, trabalho... Não deixar os noviços na sacristia, o papa me disse... afinal vocês têm que pagar a abóbora que comeram no aspirantado. Dom Bosco pareceria nos dizer, apontando para Irmão, olhem como trabalha; sigam seu exemplo.

PERFIL CAPRICHADO

“O Zé possuía um porte físico esbelto. Era chamado de ‘O Senador’. Seu vestuário era impecável. Ternos, gravatas, camisas, sapatos, tênis, tudo muito limpinho. Nas rodas de salesianos e amigos, tinha uma conversa muito agradável e pertinente. Não baixava o nível nunca, mesmo que o papo fosse regado a cerveja e uísque, que bebia com moderação.

Outra de suas características bem pessoais era a capacidade para insinuar uma ironia bem colocada. E isso com respeito a tudo: casamento, vida religiosa, padres, Igreja, políticos, etc.. Às vezes chocava os mais puritanos”.

NA CASA DO PAI

Depois de tudo o que aconteceu a Jó, ele ainda viveu cento e quarenta anos. O Ir. José Ribeiro queria chegar aos cem. Não chegou. Com certeza, porém, terá descoberto, como Jó, que Deus, mesmo ao permitir o sofrimento e talvez a morte de quem não parece merecê-la, sabe muito bem o que está fazendo.

O Zé, construtor de tantas casas e moradas, ouviu com atenção a palavra de Jesus: “Não se perturbe o vosso coração... *Na casa de meu Pai são muitas as moradas; do contrário, eu vos teria dito. Porque eu vou para preparar o lugar*” (Jo 14,1-2). E o Zé, o construtor de casas, está lá, na casa, na morada do Pai. Sobrevive agora na glória, na alegria, no esplendor das luzes eternas da casa do Pai, com Dom Bosco a quem ele foi fiel, e com tantos outros irmãos.

P Geraldo M. Lisboa

DADOS PARA O NECROLÓGIO

L SOUZA, José Ribeiro de

* 28 de fevereiro de 1924 – Bonfim de Santos Dumont, MG

+ 23 de março de 2000 – Goiânia/GO